

Brasília, a esperança e seu destino

JOSÉ HELDER DE SOUZA

Parece que foi ontem... Ao chegarmos aos 30 anos de Brasília e do **CORREIO BRAZILIENSE**, não consigo fugir do lugar comum, de certo modo admirado de já ter visto passar todos estes anos. Não sou propriamente fundador, esta façanha cabe ao Dr. Edilson Varela, Ari Cunha, Alfredo Obliziner, Adirson Vasconcelos e ao José João (o eterno encarregado das obras deste nosso jornal). Cheguei depois do 21 de Abril. Desembarquei de um avião da NAB no aeroporto de Brasília nos meados de Julho de 1960, dias depois estava engajado na luta pela feitura do **CORREIO BRAZILIENSE**.

Erguendo os muros de Brasília — uma cidade nova em todos os termos, começando do arquitetônico e artístico até ao já dito social e político — JK, naquela época, estava modificando profundamente o País, voltando os olhos do poder público e dos brasileiros de modo geral, para os ermos de Goiás. Edificada a cidade, não apenas por um capricho político ou rasgo de vaidade para eternizar seu nome como fundador, JK estava desvelando este país goiano e planaltino ao mesmo tempo em que abria os reais caminhos para a penetração da Amazônia e de todo o Centro-Oeste.

Assim também a fundação do **CORREIO BRAZILIENSE** foi uma adesão à proposição renovadora do País. Assis Chateaubriand, o idealizador do novo órgão dos Diários e Emissoras Associados, farejou o futuro. Com seu tino raiando o genial, percebeu de imediato a necessidade (e a vantagem) de chegar logo a esta nova fronteira do Brasil com mais um de seus jornais e tanto é que pôs como dístico do novo matutino o verso de Camões: Na quarta parte nova os campos ara. E se mais mundo houvera, lá chegara. Um grande lema a ser levantado por periódico fundado para difundir as idéias e os feitos do desbravamento, povoação e exploração econômica do coração do Brasil.

O que é hoje o **CORREIO BRAZILIENSE** é o resultado deste gesto e desta compreensão dos que aderiram à decisão de Juscelino. Como os outros **candangos** desta casa, este plumitivo que vos fala, modesto personagem do drama dos últimos 30 anos vividos nesta cidade edificada sobre os cerrados onde outrora, por entre **canelas-de-ema** e bromélias corria o lobo guará e o veado campeiro, ouviu desde longe, lá do Ceará, os ecos da construção de Brasília e, naturalmente, também acabou por aderir, com certa paixão, ao **mudancismo** de Brasília. Lá de onde veio lera tudo sobre a nova cidade, sua concepção urbanística revolucionária, exemplar para o resto do mundo, a arte de seus palácios a inovar também a arquitetura do mundo, e, naturalmente a proposta política integracionista de JK. Com isto imbuimo-nos, todos os habitantes da Brasília nascente, de uma certa mística, de arraigada crença na proposta de se inaugurar aqui junto com a cidade, um Brasil de concepção nova. Defender as linhas de Brasília, era defender a idéia geral mudancista. Infelizmente JK não teve a coragem política suprema de continuar, de modificar a lei, o que o Congresso lhe faria com toda benevolência e aquiescência, para se reeleger e consolidar sua obra.

Enquanto se fazia noite política, Brasília crescia. O arbítrio implantado ajudou muito a conspurcar a cidade. Afiado a isto o subdesenvolvimento, o atraso político que JK teria evitado se renovado o mandato, nos deu o que hoje é Brasília com **invasões**, favelas, desempregados, ruas cheias de camelôs, problemas sociais e urbanos vários, a cidade caminhando para ser mais um centro urbano brasileiro cheio de defeitos, o que nunca imaginávamos pudesse ser seu destino. Estamos ainda aqui, depois de 30 anos, ainda dispostos a defender o espírito de Brasília, espírito que a festa de hoje nos diz não ter morrido... ainda estamos na **Cidade de Esperança...**